



1593 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

Queimem a bruxa: Judith Butler no Brasil e os microfascismos nos sites de redes sociais  
Ana Paula Freitas Margarites - UFPel - Universidade Federal de Pelotas  
Carla Gonçalves Rodrigues - -

O presente artigo parte das manifestações contrárias à vinda da filósofa estadunidense Judith Butler ao Brasil em 2017 para discutir os microfascismos manifestados em sites de redes sociais (SRS) na ocasião. Discutimos o papel destes sites nas mobilizações realizadas durante a participação de Butler no Seminário Internacional "Os Fins da Democracia" em São Paulo, relacionando-os a uma onda de conservadorismo que levou também ao fechamento de exposições e censura de obras de arte. Discutimos como algumas interpretações superficiais sobre conceitos importantes no trabalho de Butler, como a noção de performatividade de gênero, levaram a um pânico moralizante que desencadeou uma série de reações violentas. Entendemos que o funcionamento dos SRS leva à exibição de cada vez mais conteúdo publicado pelos usuários com quem mais interagimos, formando assim uma "bolha" de opiniões semelhantes, territorializadas em polos ideológicos cada vez mais extremos. Por fim, consideramos que o problema que se apresenta é como pensar em alternativas para os microfascismos favorecidos pelos SRS por dentro destas mesmas redes.

### **Queimem a bruxa: Judith Butler no Brasil e os microfascismos nos sites de redes sociais**

**Resumo:** O presente artigo parte das manifestações contrárias à vinda da filósofa estadunidense Judith Butler ao Brasil em 2017 para discutir os microfascismos manifestados em sites de redes sociais (SRS) na ocasião. Discutimos o papel destes sites nas mobilizações realizadas durante a participação de Butler no Seminário Internacional "Os Fins da Democracia" em São Paulo, relacionando-os a uma onda de conservadorismo que levou também ao fechamento de exposições e censura de obras de arte. Discutimos como algumas interpretações superficiais sobre conceitos importantes no trabalho de Butler, como a noção de performatividade de gênero, levaram a um pânico moralizante que desencadeou uma série de reações violentas. Entendemos que o funcionamento dos SRS leva à exibição de cada vez mais conteúdo publicado pelos usuários com quem mais interagimos, formando assim uma "bolha" de opiniões semelhantes, territorializadas em polos ideológicos cada vez mais extremos. Por fim, consideramos que o problema que se apresenta é como pensar em alternativas para os microfascismos favorecidos pelos SRS por dentro destas mesmas redes.

**Palavras-chave:** Educação; gênero; sites de redes sociais; microfascismo.

### **Preâmbulo: Queimem a Bruxa**

Uma enorme faixa preta com letras brancas está aberta no meio da rua; nela, lê-se a frase "Não à ideologia de gênero". Abaixo da frase, pictogramas de homem e mulher (semelhantes àqueles utilizados em sinalizações de banheiros públicos) estão impressos sobre fundos azul e rosa, respectivamente. A faixa é assinada por "Católicos e Evangélicos #unidospelafamília". Um homem que veste uma camiseta onde se lê "Intervenção já – Ordem e Progresso" segura na mão esquerda uma bíblia enquanto bate em um bumbo com a mão direita. Jovens uniformizados mostram cartazes que pedem aos motoristas que passam: "Buzine em favor do casamento como Deus o fez: 1 homem + 1 mulher". Há crucifixos, megafones e bíblias nas mãos de cerca de 50 pessoas.

Em uma imagem marcante desta manifestação, as ações do protesto culminam com a queima de uma boneca de pano vestindo sutiã cor de rosa, peruca de carnaval e chapéu preto de bruxa. O rosto da bruxa é o rosto da filósofa estadunidense Judith Butler, impresso em preto e branco numa folha de papel que rapidamente incendeia e desaparece.

A cena relatada<sup>[1]</sup> aconteceu no dia 7 de novembro de 2017, na calçada e na rua em frente ao prédio do SESC Pompéia em São Paulo onde Butler proferia, naquele momento, a palestra de abertura do Seminário Internacional Os Fins da Democracia. O evento foi organizado pelo Convênio Internacional de Programas de Teoria Crítica da UC Berkeley (EUA) e pelo Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo em parceria com o SESC SP. Ao longo de três dias, foram promovidas palestras e mesas redondas que tinham por objetivo "confrontar analiticamente as reações contemporâneas e locais ao enfraquecimento do potencial campo de consenso nas democracias liberais" (SESC SP, online).

O nome do evento – Os fins da democracia – contém ao mesmo tempo dúvida e provocação; o duplo sentido remete à finalidade da democracia, mas também à sua crise e colapso, como apontado por Vladimir Safatle durante a rápida fala<sup>[2]</sup> que fez ao introduzir a palestra de Butler. A tentativa fracassada de censura à realização do evento compõe um cenário irônico com os debates que aconteciam porta adentro: em sua fala, a filósofa ressaltou a necessidade da tolerância e da compreensão como alternativas no combate aos autoritarismos.

### **Microfascismos nas caixas de ressonância das redes sociais**

A manifestação à porta do SESC Pompéia aproxima-se de uma série de eventos que aconteceram no Brasil no final de 2017 e que podem ser relacionados a uma onda de conservadorismo que cresce no país nos últimos anos (DEMIER; HOEVELER, 2016). Muitas destas

manifestações decorrem de provocações compartilhadas em sites de redes sociais (SRS) que rapidamente se espalharam por todo o país resultando em ações variadas de censura e violência.

Pensamos esta onda conservadora como da ordem dos microfascismos (DELEUZE; GUATTARI, 2012), definindo-os por “um microburaco negro, que vale por si mesmo e comunica com os outros, antes de ressoar num grande buraco negro central generalizado” (p. 100) que tende violentamente aos enquadramentos totalizantes do desejo. O caráter não-centralizado dos SRS torna-os férteis à disseminação microfascista, já que este não se trata de um fascismo assentado em grandes narrativas como “a nação” ou “a ideologia”, mas antes em microorganizações capazes de penetrar em todas as células da sociedade.

A utilização de SRS tem impactado de forma significativa nas disputas políticas e sociais ao redor do mundo, uma vez que tais sites vêm sendo amplamente utilizados como espaço de debates e plataforma para organização de manifestações (CASTELLS, 2017). Além disso, tem sido dito que seu uso pode inclusive interferir nos resultados de eleições (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017), dando pistas sobre como os SRS são hoje relevantes para se pensar comunicação, política e educação.

Nos últimos anos, a rede torna-se o modelo dominante para pensar uma infinidade de campos de estudo que abordam seus objetos a partir da imagem de uma multiplicidade de pontos interligados por uma pluralidade de ramificações (SERRES, 1984). Parente (2010) alerta para a apresentação da rede como “uma espécie de paradigma e de personagem principal das mudanças em curso justo no momento em que as tecnologias de comunicação e informação passaram a exercer um papel estruturante na nova ordem mundial” (p. 92).

A partir deste entendimento, o estabelecimento de redes de comunicação torna-se “um objetivo de utilidade pública e uma garantia de felicidade material” (MUSSO, 2010, p. 26). A Internet surge como uma utopia da associação global, promovendo a ideia de um sistema não-hierárquico e universal, “de livre circulação generalizada de informações” (p. 35).

No entanto, a utopia democrática prometida pela internet vem demonstrando-se impraticável. Ainda que o rápido acesso à informação seja hoje uma realidade para milhões de pessoas, a internet até agora não trouxe alívio para desigualdades e extremismos. Guattari (1993) entende, antes mesmo da popularização do acesso à internet, que a “idade da comunicação planetária” (p. 176) vem marcada por uma série de paradoxos:

[...] aparente democratização do acesso aos dados e aos saberes, associada a um fechamento segregativo de suas instâncias de elaboração; uma multiplicação dos ângulos de abordagem antropológica e uma mestiçagem planetária das culturas, paradoxalmente contemporânea de uma ascensão dos particularismos e dos racismos; uma imensa extensão dos campos de investigação técnico-científicos e estéticos evoluindo num contexto moral de insipidez e desencanto. (p. 177).

Independentemente destes paradoxos, o autor entende que os conteúdos da subjetividade dependerão cada vez mais de uma infinidade de sistemas maquínicos. Guattari (1993) diz que “nenhum campo de opinião, de pensamento, de imagem, de afectos, de narratividade pode, daqui para a frente, ter a pretensão a escapar da influência invasiva da ‘assistência por computador’, dos bancos de dados, da telemática, etc...” (p. 177).

A própria noção de um sujeito racional, único e emancipado (ou emancipável), já problematizada por Foucault (2005, 2006), é ainda mais questionada se consideramos a máquina-dependência da subjetividade. O pressuposto de um indivíduo que é origem e centro do pensamento, senhor de suas reflexões e ações, é desconstruído pela noção de uma subjetividade nunca dada, mas sim em constante processo, constituída no entrelaçamento de poderes, saberes e vozes de auto referência (GUATTARI, 1999). Ao propor a noção de subjetividade enquanto processo de produção, Guattari (2012) evidencia que “os diferentes registros semióticos que concorrem para o engendramento da subjetividade não mantêm relações hierárquicas obrigatórias, fixadas definitivamente” (2012, p. 11).

O crescimento do acesso aos SRS marca uma desestabilização significativa nos modos de acesso à informação e nos processos de produção de subjetividade na contemporaneidade. Apesar da diversidade cultural à qual a internet nos expõe, o cenário é paradoxal: as polarizações nos debates que tomam lugar nos sites de redes sociais parecem cada vez mais extremas. Um corpo significativo de pesquisas recentes sugere que a comunicação em sites de redes sociais torna mais agudos os contrastes ideológicos, fortalecendo a polarização política (CONOVER et al., 2012; COLLEONI; ROZZA; ARVIDSSON, 2014).

Os SRS são hoje o próprio império das certezas: parecemos condenados a crer que é necessário que tomemos uma posição, sempre alinhados com aqueles cujas ideias supostamente nos representam. Assim, lutando contra o caos que é a multiplicidade de possibilidades, buscamos sempre um pensamento único, “opinião pretensamente superior, Urdoxa[3]” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 97). Neste enfrentamento, tendemos a buscar um modelo fixo para territorializar todas as outras forças.

No que tange aos debates que tomam lugar nos SRS, tem sido dito que as redes favorecem o surgimento de *echo chambers* (PFEFFER, 2013) – caixas de ressonância onde são repetidas a todo momento as mesmas opiniões. A noção de *echo chamber* descreve a forma como, ao vermos opiniões semelhantes às nossas publicadas na internet, entendemos que todos (ou a maioria) pensam da mesma maneira. Uma vez que os algoritmos de funcionamento dos SRS são projetados de forma a exibir cada vez mais conteúdo publicado pelos usuários com quem mais interagimos, forma-se assim uma “bolha” de opiniões semelhantes, territorializando-nos em polos ideológicos cada vez mais extremos.

Em algumas situações, tais bolhas estouram levando as opiniões ali contidas a espalharem-se rapidamente, resultando em mobilizações que ultrapassam os limites das redes. No entanto, o esparramento do conteúdo da bolha nem sempre favorece a multiplicidade; ao contrário, microfascismos podem emergir, possibilitando manifestações conservadoras como as ocorridas no Brasil em 2017.

### **Mobilizações conservadoras nos SRS: *Queermuseu*, *La bête* e *#forabutler***

A reação conservadora à visita de Butler ao Brasil ocorre quase ao mesmo tempo em que uma série de protestos levaram ao cancelamento de palestras e debates, fechamento de exposições e censura de obras de arte específicas em diversas cidades do país. No mês de setembro de 2017, o instituto Santander Cultural de Porto Alegre decidiu fechar prematuramente a exposição *Queermuseu* - Cartografias da diferença na arte brasileira, que contava com obras de artistas como Adriana Varejão, Lygia Clark e Cândido Portinari. A mostra, com seu encerramento originalmente previsto para o dia 8 de outubro, foi finalizada no dia 10 de setembro por pressão de grupos ligados à direita, como membros do Movimento Brasil Livre (MBL) que chegaram inclusive a constringer visitantes da exposição na entrada do prédio (GAÚCHA ZH, 2017).

As críticas à exposição espalharam-se rapidamente através dos SRS: um vídeo<sup>4</sup> publicado no Facebook pela página “Terça Livre” no dia 9 de setembro de 2017 obteve mais de trinta mil compartilhamentos e um milhão e seiscentas mil visualizações. Ainda que esta não tenha sido

a primeira manifestação contrária ao conteúdo da mostra – que já havia sido criticada por diversos influenciadores conservadores –, a viralização<sup>[5]</sup> do vídeo ampliou o impacto das críticas e antecedeu em apenas algumas horas o anúncio oficial do encerramento da exposição.

Poucas semanas depois, uma investida semelhante aconteceu contra a performance *La Bête*, do coreógrafo Wagner Schwartz, realizada no Museu de Arte Moderno de São Paulo (MAM). Schwartz reinterpreta uma escultura da série “Bichos”, de Lygia Clark, e permitia que o público manipulasse seu corpo, movendo as articulações de seus braços, mãos, pernas e pés de forma semelhante ao que Lygia Clark sugeria que fosse feito com suas esculturas dobráveis. A polêmica iniciou quando circulou nos SRS a imagem de uma menina que, acompanhada por sua mãe, tocava o pé do artista, que se encontrava nu deitado no chão. As reações negativas, amplamente compartilhadas no Twitter e no Facebook, incluíram manifestações do MBL e dos deputados federais Marco Feliciano e Jair Bolsonaro.

Em comum, os eventos envolvem mobilizações nos SRS que partem majoritariamente de grupos declaradamente conservadores e / ou de direita que apregoam o combate à “ideologia de gênero” através do silenciamento de debates sobre sexualidade em escolas e outras instituições. No caso da manifestação contrária à fala de Judith Butler em São Paulo, a articulação do protesto parece ter começado com o vídeo “#FORABUTLER – A criadora da ideologia de gênero vem ao Brasil”<sup>[6]</sup> publicado no Youtube em 26 de outubro de 2017. No vídeo, o *youtuber* paranaense Bernardo P. Küster coloca Judith Butler, descrita por ele como “a criadora da ideologia de gênero”, como responsável pela existência do *Queermuseu* e dos debates que se seguiram ao cancelamento da exposição. Segundo ele, estes eventos são “atualizações de uma mesma potência” e é necessário que os conservadores “combatam esta mulher” (KÜSTER, 2017).

O papel creditado a Butler como “criadora da ideologia de gênero” lembra uma polêmica semelhante relatada por Scott (2012) que tomou lugar na França no ano de 2011. Naquela ocasião, um artigo em um jornal de Bordeaux identificou Butler como “papisa da teoria de gênero”, provocando controvérsia na internet e protestos na cidade quando a autora lá esteve para receber um título de doutora *honoris causa* na Universidade de Bordeaux 3. A polêmica ocorreu em meio a debates acerca da inclusão de discussões sobre sexualidade em um manual francês para ingressantes no Bacharelado de Ciências Biológicas.

No Brasil, os críticos creditaram à filósofa e seus seguidores a inclusão de discussões sobre gênero no Plano Nacional de Educação (PNE), assim como em projetos estaduais e municipais. Por pressão da bancada conservadora no Congresso Nacional, o debate sobre gênero está fora do PNE desde 2014. Em 2017, o debate foi reavivado com a exclusão do respeito à orientação sexual da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do ensino infantil e fundamental.

De acordo com Küster, a ideologia de gênero criada por Butler se trata de um véu que encobre suas reais intenções; a ideia não é incluir e defender minorias, mas sim implementar um projeto político. Para provar seu ponto de vista, o autor do vídeo lê para a câmera um trecho do livro *Problemas de Gênero*:

Se a noção estável de gênero dá mostras de não mais servir como premissa básica da política feminista, talvez um novo tipo de política feminista seja agora desejável para contestar as próprias reificações do gênero e da identidade - isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político. (BUTLER, 2017, p. 24 – 25).

Adiante, o *youtuber* conclama “conservadores, cristãos, católicos, evangélicos e ateus” que não concordam com “estas coisas” a comparecerem no evento promovido pelo SESC e protestarem contra a presença de Butler. Küster também menciona um abaixo assinado e disponibiliza seu link junto à descrição do vídeo. Em poucos dias, circulavam no Youtube e no Facebook diversos vídeos convidando todos a participarem da manifestação; no Twitter, o link do abaixo-assinado circulava acompanhado da hashtag #forabutler.

Hospedado no site estadunidense CitizenGo, o abaixo-assinado contava com mais de 350.000 assinaturas em poucas semanas<sup>[7]</sup>. No texto introdutório à petição, consta a seguinte apresentação de Butler e de sua obra:

Ela propõe a desconstrução da identidade humana por meio da desconstrução da sexualidade. Segundo ela, “homem e masculino podem facilmente significar tanto um corpo feminino como um corpo masculino, e mulher e feminino podem significar tanto um corpo masculino como um corpo feminino”. Porém, ela não se satisfaz em constatar isso. Por meio daquilo que chama de performance, propõe que as pessoas vivenciem todo tipo de experiência sexual. (CITIZENGO, online).

No entanto, a forma como a noção de performatividade de gênero é utilizada aqui pode ser interpretada, na melhor das hipóteses, como equivocada. O conceito, baseado no estudo de Foucault (2006, 2012) e Derrida (2001) empreendido por Butler (2000, 2017) fala em uma performatividade que é justamente não intencional ou teatral, constituindo-se como uma de suas maiores contribuições para os debates acerca das relações entre sexo e gênero.

## **Ideologia, Sexo, Gênero e Performatividade**

Em um vídeo<sup>[8]</sup> no canal do MBL no Youtube publicado em meio às polêmicas relatadas, o ativista Kim Kataguirí define a ideologia de gênero como “um movimento que prega que você não nasce com nenhum sexo biológico, mas que na verdade você se torna o que você quiser ser”, contrariando “um dos princípios básicos da ciência, que é de que homens e mulheres são diferentes por natureza. Eles têm cromossomos, corpos, cérebros e hormônios diferentes” (MBL, 2017).

O ativista acrescenta que a ideologia de gênero só prejudica as mulheres, já que “para ser mais mulher, a mulher teria que se parecer o máximo possível com um homem: tem de querer sexo casual como um homem, tem de buscar uma carreira profissional com a mentalidade de um homem (...), e etc.” (MBL, 2017).

O uso do conceito de “ideologia de gênero”, na fala de Kataguirí aparece “conjurando um tipo de marxismo ‘bicho-papão’” (SCOTT, 2012, p. 329), buscando provocar uma espécie de pânico moral (MISKOLCI, 2006) frente à corrupção de jovens que seriam estimulados a praticar todo tipo de experiência sexual. Mais do que isso, a fala de Kataguirí faz um apelo direto às mulheres, que teriam seus direitos cerceados por uma ideologia que pretende “acabar com as diferenças”. Tais diferenças são a todo tempo reafirmadas como “algo bom” por Kataguirí, que insiste na natureza “objetiva” do sexo biológico em contraste ao gênero, culturalmente constituído.

Os debates sobre os limites entre sexo e gênero estão presentes nos estudos feministas desde a década de 60. A partir deste período,

começa-se a discutir a ideia de sexo como um dado biológico / natural, enquanto o gênero seria uma construção de papéis sociais historicamente determinados. Beauvoir (1980) já questionava os ideais de feminilidade desde os anos 40, analisando a condição feminina nas esferas sexual, biológica, psicológica, social e política. Para a autora, as supostas verdades até então ditas sobre a fragilidade e inferioridade das mulheres eram, na verdade, mitos.

A partir desta mudança de perspectiva a respeito de uma suposta natureza feminina, desloca-se o campo do estudo sobre as mulheres e os sexos para o estudo das relações de gênero, categoria analítica que, para Scott (1995, p. 86), refere-se “à organização social da relação entre os sexos”. Para a autora, o gênero é uma categoria que, ao permitir a compreensão da desigualdade social entre homens e mulheres como uma construção social e historicamente situada, apresentava demarcação incisiva contra os essencialismos e o determinismo biológico.

Desta forma, passa-se a considerar que as esferas separadas para um e outro sexo não são determinadas na natureza de homens e mulheres: as concepções e vivências masculinas e femininas são constituídas por meio de interações sociais. De acordo com Louro (2002),

A emergência da categoria [gênero] representou, pelo menos para aquelas e aqueles que investiram na radicalidade que ela sugeria, uma virada epistemológica. Ao utilizar gênero, deixava-se de fazer uma história, uma psicologia, ou uma literatura das mulheres, sobre as mulheres e passava-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, em meio a relações de poder. (p. 15).

Nos anos 90, Butler (2017) contribui para o debate buscando possibilidades para uma desconstrução das configurações cristalizadas de identidade de gênero. A filósofa sugere que há uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente constituídos, já que “a construção de ‘homens’ não se aplica apenas a corpos masculinos, enquanto ‘mulheres’ também não se aplica apenas a corpos femininos” (p. 26).

A autora coloca duas hipóteses para a dualidade sexo / gênero: por um lado, o padrão binário homem / mulher seria baseado na crença de que existe uma relação direta entre sexo e gênero, e esta continuidade nega a existência de modos de vida que não se enquadram neste binarismo. Por outro lado, sendo o gênero um artifício não determinado pelo sexo, ‘homem’ e ‘masculino’ passam a ser aplicáveis a quaisquer corpos, da mesma forma que ‘mulher’ e ‘feminino’. Desta forma, o gênero seria uma categoria flutuante que pode significar tanto um corpo feminino quanto um corpo masculino identificados com a categoria mulher ou homem.

Em qualquer uma das hipóteses, um conjunto de problematizações devem ser levantados a respeito do sexo para que sua suposta natureza seja também revista. Após se perguntar se os sexos têm história, Butler (2017) questiona:

Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente constituído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula. (p. 27)

A partir daí a autora afirma que o gênero não está para a cultura enquanto o sexo está para a natureza; o gênero também produz o sexo, colocando-o como uma dualidade (macho / fêmea) que estaria estabelecida no lugar pré-discursivo da natureza. A natureza do sexo não preexiste à discursividade que a determina. Butler (2017) argumenta, a partir da noção de ideal regulatório em Foucault (2006), que o sexo de um corpo não é dado ou estático, mas um processo através do qual normas sociais demarcam os corpos que controlam. Assim, tanto sexo quanto gênero são discursivos e produzidos historicamente.

Desta maneira, os papéis de gênero são constituídos performaticamente, “não como um ato singular e deliberado, mas ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2000, p. 111). A autora frisa que o caráter performativo do gênero equivale a um encadeamento discursivo, trazendo Foucault (2012) para falar desta discursividade continuamente construída acumuladamente, cuja origem e autoria desaparece.

Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse sem ser percebido em seus interstícios, como se ela me houvesse dado um sinal, mantendo-se, por um instante, suspensa. Não haveria, portanto, começo; e em vez de ser aquele de quem parte o discurso, eu seria, antes, ao acaso do seu desenrolar, uma estreita lacuna, o ponto do seu desaparecimento possível. (FOUCAULT, 2012, p. 5-6).

O caráter reiterativo e citacional da performatividade destacados por Butler estão alinhados com as concepções de Derrida (2001), para quem a reiteração e a citacionalidade são características de um ato (de fala) performativo bem-sucedido. Para o autor, os performativos funcionam porque encarnam formas linguísticas convencionadas que já existiam antes de serem utilizadas por quem fala; são inteligíveis por que citam algo que já foi dito antes. Ao mesmo tempo, estes performativos são sempre iterativos, ou seja, são ao mesmo tempo repetição e modificação / acumulação, implicando simultaneamente em identidade e diferença.

A noção de performatividade explica a existência de padrões de comportamento reforçados a ponto de serem vistos como naturais por aqueles que o performam. O próprio “aquele que performa” não preexiste a estes rituais: a identidade é um produto destas práticas, de forma que o gênero é algo que se pratica, e não algo que se é.

Diferentemente da leitura conservadora de que acredita que a proposta da autora garantiria a todos a possibilidade de experimentar gênero e sexualidade de acordo com sua vontade, o que Butler (2010) propõe é o questionamento das categorias fundacionais da identidade. Nesta busca, a autora chama atenção para a necessidade de legitimar existências que o ideal normativo exclui da matriz binária da heterossexualidade, relegando-as ao status de abjetas.

Das diferentes afirmações de visibilidade destes corpos – seja pelo debate acadêmico, pelo currículo escolar ou pela arte –, deriva a reação microfascista dos conservadores, ansiosos pela manutenção das identidades já cristalizadas. Neste contexto, as redes sociais funcionam como caixas de ressonância de opiniões moralizantes, levando à defesa de perspectivas contrárias à democratização das relações sociais.

## Considerações Finais

Em sua fala<sup>[9]</sup> no SESC Pompéia em São Paulo, Butler destacou que, nos tempos políticos atuais, ideologias rechaçadas no passado não estão superadas – como as que apregoam o fascismo, o racismo, o machismo, a homofobia ou a supremacia branca. “Em diferentes partes do mundo, parece que estamos nos perguntando: ‘Que horas são? Em que século estamos?’ Nossas ideias de progresso estão nos iludindo” (CARTAPLAY, 2017), afirmou. “Alguns de nós achavam que havíamos conquistado essas forças políticas. Mas elas não foram vencidas, e a luta contra elas é constante”, sugeriu.

A filósofa discutiu o avanço das políticas autoritárias no mundo, alertando para o que criticou como “naturalização” desse fenômeno e destacou, nesse contexto, o populismo de direita nos Estados Unidos e na Europa e a ação de correntes religiosas conservadoras em diferentes países da América Latina. “Onde quer que estejamos nos debates, é justo dizer que vacilamos entre a esperança e o medo. Precisamos articular os fins da democracia a fim de realizá-la na nossa vida” (CARTAPLAY, 2017), disse Butler.

Talvez seja preciso considerar que tais forças conservadoras são, no fim das contas, invencíveis, uma vez que os microfascismos manifestam-se em quaisquer contextos, inclusive em ocasiões em que se busca combatê-lo. É preciso considerar que “é muito fácil ser antifascista em nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 102). Nosso próprio microfascismo é um risco que enfrentamos; é preciso, como sugere Butler em sua palestra, “pensar sobre as condições históricas em que nos encontramos” e “nos opor à violência e dominação que muitos projetos nessa rubrica de significação representam”.

Neste contexto, pensamos que algumas configurações assumidas pelos SRS podem enrijecer-se, cristalizando-se como um itinerário fechado. Desta forma, a rede transforma-se em uma estrutura rígida, que a descaracteriza, portanto, como multiplicidade. Não podemos desconsiderar que as caixas de ressonância que reafirmam opiniões na internet podem aparecer em qualquer contexto, “fascismo rural e fascismo de cidade ou bairro, fascismo jovem e fascismo ex-combatente, fascismo de esquerda e direita, de casal, de família, de escola ou de repartição” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 100).

A utopia democrática de comunicação e entendimento globais trazida pela internet apresenta-se cada vez mais distante e, no entanto, prescindir do uso destas ferramentas parece também fora de questão. O problema que se apresenta é como pensar em alternativas para os microfascismos favorecidos pelos SRS por dentro destas mesmas redes, fabricando novos modos de uso para sites que, até o momento, apenas favorecem a cristalização de opiniões.

Butler (2017) aposta numa coalisão das minorias sexuais para que se supere as categorias identitárias, acreditando nesta união como possibilidade para a dissipação da violência imposta pelas restrições que normatizam os corpos. Falando sobre a relação da filosofia com outros discursos, a autora discorre que “a questão não é permanecer marginal, mas participar de todas as redes de zonas marginais geradas a partir de outros centros disciplinares, que juntas, constituam um deslocamento múltiplo dessas autoridades” (p. 13). As coalisões e redes aparecem para a autora como alternativas de resistência e subversão, inspirando-nos a continuar exercitando o pensamento.

Vale lembrar que, na outra calçada da entrada do SESC Pompeia, uma centena de pessoas também reunidas a partir dos SRS respondiam os conservadores com cartazes que argumentavam: “Vergonhosa é a ignorância, obscena é a violência, imoral é a intolerância”. Se por um lado há uma onda conservadora que teima em buscar a cristalização de identidades binariamente estabelecidas, por outro lado há aqueles quem ousam resistir.

## Referências

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of Economic Perspectives*, v. 31, n. 2, p. 211-36, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 110-127.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARTAPLAY. **#Aovivo: Judith Butler**: Por uma convivência democrática radical. Youtube. 06 Nov. 2017. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=BL\\_JVeI-EM](https://www.youtube.com/watch?v=BL_JVeI-EM)> Acesso em: 10 mar. 2018.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COLLEONI, Elanor; ROZZA, Alessandro; ARVIDSSON, Adam. Echo Chamber or Public Sphere? Predicting Political Orientation and Measuring Political Homophily in Twitter Using Big Data. *Journal of Communication*. 2014, v. 64, n. 2. p. 317–332.

CONOVER, Michael D; GONÇALVES, Bruno; FLAMINI, Alessandro; MENCZER, Filippo. Partisan Asymmetries in Online Political Activity **EPJ Data Science**. 2012, v. 1, n. 1. p. 1–19.

DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (orgs.). **A onda conservadora: Ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. São Paulo: Editora 34, 2012.

DERRIDA, Jacques. Signature Event Context. In: BIZZEL, Patrícia; HERZBERG, Bruce (orgs.). **The Rhetorical Tradition: Readings from Classical Times to the Present**. 2nd ed. Boston: Bedford/St. Martin's, 2001. p. 1475-1490.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GAÚCHA ZH. **FOTOS: veja imagens da exposição "Queermuseu", cancelada após críticas nas redes**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/artes/noticia/2017/08/fotos-veja-imagens-da-exposicao-queermuseu-cancelada-apos-criticas-nas-redes-9869624.html>. Acesso em: 20.02.2018.

GUATTARI, Felix. Da Produção de Subjetividade. In: PARENTE, André (org.). **Imagem Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual**. Tradução de Rogério Luz et alii. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 177-191.

GUATTARI, Felix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. 2ª Edição. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012.

KASTRUP, Virgínia. A Rede: Uma figura empírica na ontologia do presente. In: PARENTE, A. (org.) **Tramas da Rede - Novas Dimensões Filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 80 – 90.

KÜSTER, Bernardo P. **#FORABUTLER – A criadora da ideologia de gênero vem ao Brasil**. Youtube. 26 out. 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7I348rFI7\\_o](https://www.youtube.com/watch?v=7I348rFI7_o). Acesso em: 20 fev. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Epistemologia feminista e teorização social desafios, subversões e alianças. In: ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Celsi Brønstrup. (Orgs). **Coletânea Gênero Plural**. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 11-22.

MBL. **A ideologia de gênero é um câncer para as crianças**. Youtube. 22 nov. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CD8hh85C9AI>. Acesso em 20 fev. 2018.

MISKOLCI, Richard. Estética da Existência e Pânico Moral. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.) **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006, pp.227-238.

MUSSO, Pierre. A Filosofia da Rede. In: PARENTE, A. (org.) **Tramas da Rede - Novas Dimensões Filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 17 – 38.

PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: PARENTE, A. (org.) **Tramas da Rede - Novas Dimensões Filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 91 – 110.

PFEFFER, Jürgen; ZORBACH, T; CARLEY, K. M. Understanding online firestorms: Negative word-of-mouth dynamics in social media networks. **Journal of Marketing Communications**. v. 20, n. 1. 2013.

TERÇA LIVRE. **Exposição Criminosa no Santander Cultural**. Facebook. 9 set. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/tercalivre/videos/1906769406256856/> Acesso em 20 fev. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, Dez. 2012.

SERRES, Michel. **A comunicação**. Lisboa: Rés, 1984.

[1] Relato baseado nas imagens do vídeo "Protestos a favor e contra a filósofa Judith Butler em São Paulo". Youtube. 7 nov. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zAa6cbh0ysI>. Acesso em: 20 fev. 2018.

[2] Os fins da democracia - abertura - fala do prof. Vladimir Safatle. Youtube. 10 nov. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GNXZASBqG6A>. Acesso em: 20 fev. 2018.

[3] De acordo com Deleuze e Guattari (2010) "doxa", na obra de Platão e Aristóteles, significa "opinião". Na fenomenologia husserliana, "urdoxa" aparece com o sentido de "primeira doutrina".

[4] TERÇA LIVRE. **Exposição Criminosa no Santander Cultural**. Facebook. 9 set. 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/tercalivre/videos/1906769406256856/> Acesso em 20 fev. 2018.

[5] A palavra é utilizada para designar os conteúdos que acabam sendo compartilhados rapidamente por muitas pessoas e ganham grande repercussão (muitas vezes inesperada) nas redes sociais.

[6] KÜSTER, Bernardo P. **#FORABUTLER – A criadora da ideologia de gênero vem ao Brasil**. Youtube. 26 out. 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7I348rFI7\\_o](https://www.youtube.com/watch?v=7I348rFI7_o). Acesso em: 20 fev. 2018.

[7] Cancelamento da palestra de Judith Butler no SESC Pompeia. CitizenGo. 26 out. 2017. Disponível em: <http://www.citizenngo.org/pt-br/fm/108060-cancelamento-da-palestra-judith-butler-no-sesc-pompeia>. Acesso em 20 mar. 2018.

[8] MBL. **A ideologia de gênero é um câncer para as crianças**. Youtube. 22 nov. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CD8hh85C9AI>. Acesso em 20 fev. 2018.

[9] CARTAPLAY. **#Aovivo: Judith Butler: Por uma convivência democrática radical**. Youtube. 06 Nov. 2017. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Bl\\_JVei-EM](https://www.youtube.com/watch?v=Bl_JVei-EM) Acesso em: 10 mar. 2018.